

**“ESCOLA TEM QUE TER CARA DE ALUNO”:
PRODUÇÃO DE SENTIDOS DENTRO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

Larissa Rodrigues de Carvalho Barbosa

Discente do Curso de Psicologia - Unifametro

larissa.barbosa01@aluno.unifametro.edu.br

Maria Gabriela Guedes da Costa

Discente do Curso de Psicologia - Unifametro

maria.guedes01@aluno.unifametro.edu.br

Amanda Livia de Lima Cavalcante

Docente do Curso de Psicologia - Unifametro

amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Psicologia escolar e educacional

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde.

Encontro Científico: XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

A escola é um espaço de transmissão e de saberes, mas também de produção de sentidos e de constituição subjetiva. Este estudo buscou analisar como uma instituição escolar é elaborada de maneira subjetiva pelos alunos, considerando a articulação entre Paulo Freire e Vigotski. A pesquisa foi realizada durante estágio extracurricular em Psicologia, por meio de observações, registros em diário de campo e diálogos informais com alunos, professores e funcionários. Os resultados evidenciaram que a escola é percebida como “casa”, um lugar de acolhimento, pertencimento e simbolização. Nela, os alunos constroem sentidos que ultrapassam a aprendizagem tradicional, vivenciando experiências que dão cor e vitalidade ao cotidiano escolar. A partir de Freire, observou-se a importância de reconhecer a escola como objeto simbólico, carregado de significados sociais e históricos, que se transformam pela prática dialógica. Já Vigotski contribuiu ao destacar a dimensão social e interativa da produção de sentidos, mostrando que a linguagem e as relações são mediadoras fundamentais da aprendizagem. Conclui-se que práticas educativas centradas no sujeito e mediadas pelo diálogo favorecem maior engajamento e pertencimento, distinguindo-se da educação bancária. A investigação confirma que a escola é espaço histórico, social e subjetivo, produtor de sentidos essenciais para a formação humana.

Palavras-chave: Produção de sentidos; Escola; Paulo Freire; Vigotski;

INTRODUÇÃO

A concepção de mediação desenvolvida por Vygotsky (1998), fundamenta a ideia de que a construção do conhecimento não se dá de forma isolada, mas sim por meio de um processo dinâmico e contínuo de interação social, enxergando a escola como um espaço social privilegiado de transmissão de saberes, mas também de produção de sentidos e de constituição subjetiva. Para além de sua função pedagógica, a instituição escolar se constitui como lugar de encontros, memórias e afetos que atravessam a vida de estudantes, professores e demais sujeitos envolvidos. Pensar a escola implica, portanto, compreender como os sentidos circulam, se ressignificam e impactam a formação dos sujeitos em diferentes tempos históricos (Wallon, 1968).

No contexto desta pesquisa, a investigação foi realizada em uma instituição escolar de longa existência, marcada por tradições, transformações e pela permanência de sua relevância social. Contudo, por razões éticas, a instituição não será identificada. Interessa-nos compreender como se produzem sentidos dentro de um espaço escolar historicamente consolidado e quais atravessamentos subjetivos emergem no cotidiano observado durante o estágio extracurricular em Psicologia.

Segundo Freire (2019), a educação deve ser compreendida como prática de liberdade, que se constrói por meio do diálogo e da escuta atenta às vozes dos sujeitos. Para o autor, a escola não é apenas local de transmissão de conteúdos, mas espaço em que se produzem significados sobre a vida, o mundo e as relações sociais. Essa dimensão dialógica é central para pensar a produção de sentidos, uma vez que o conhecimento se constrói na relação com o outro, e não como imposição unilateral.

A escolha de investigar a produção de sentidos em uma instituição escolar com longa trajetória se justifica pela relevância histórica e social desses espaços. Escolas com décadas de existência acumulam memórias coletivas que atravessam diferentes gerações, mantendo tradições e, ao mesmo tempo, enfrentando desafios contemporâneos. Entender como os sujeitos significam esse espaço permite refletir sobre sua função atual e sobre os impactos que exerce na subjetividade dos que dele participam.

Do ponto de vista científico, o estudo contribui para a interface entre Psicologia e Educação, especialmente por articular a teoria freiriana e a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky em uma dimensão mais subjetiva e de construção de sentidos. Do ponto de vista

social, a investigação lança luz sobre a importância das instituições escolares como espaços vivos de construção de sentido, identidade e pertencimento.

O objetivo deste trabalho é investigar como se dá a produção de sentidos e identidade dentro de uma comunidade escolar, analisando as dinâmicas de interação social e os processos subjetivos que emergem no cotidiano da instituição. A pesquisa busca compreender de que forma os sujeitos envolvidos - alunos, professores e demais membros da comunidade - constroem e ressignificam sentidos acerca de si mesmos, das relações sociais e do próprio espaço escolar. A partir da articulação das teorias de Freire e Vygotsky, o estudo pretende identificar como as práticas pedagógicas, as memórias coletivas e as afetividades presentes na instituição influenciam a constituição da identidade dos indivíduos, além da dinâmica de pertencimento, revelando a escola como um espaço de construção de significados e de formação subjetiva.

METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida no contexto escolar. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender a complexidade dos sentidos e significados atribuídos às experiências vividas, considerando os atravessamentos subjetivos, sociais e culturais da instituição escolar.

O relato de experiência constitui-se como um recurso metodológico que possibilita a sistematização e a reflexão crítica sobre vivências em contextos de prática. Trata-se de uma narrativa científica que organiza a experiência de forma descritiva e analítica, permitindo tanto o registro das atividades realizadas quanto a produção de conhecimento a partir delas (Daltro & Faria, 2019). Nesse sentido, o relato não se limita à exposição de fatos, mas busca evidenciar os significados e aprendizagens decorrentes da vivência, favorecendo o diálogo entre teoria e prática.

Articulado a esse procedimento, utilizou-se o diário de campo e a observação participante, considerados instrumentos centrais na pesquisa qualitativa. O diário de campo funcionou como espaço de registro sistemático das impressões, acontecimentos e reflexões da pesquisadora no decorrer da experiência, possibilitando a organização e análise dos dados construídos. Já a observação participante implicou uma imersão ativa no cotidiano escolar, permitindo compreender práticas, interações e dinâmicas institucionais a partir de dentro, sem abrir mão da postura analítica e reflexiva necessária ao processo investigativo.

Para a análise e interpretação dos dados, adotou-se uma perspectiva interpretativa, articulando referenciais da Psicologia Sócio-Histórica e do pensamento de Paulo Freire. No caso específico, a análise dialogou com *A formação social da mente* (Vigotski, 1991), que discute o papel das interações sociais no desenvolvimento humano, bem como com *A construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2001), obra que evidencia a centralidade da linguagem como mediadora na constituição do pensamento. Essa perspectiva, ao ser articulada com a pedagogia freireana, favorece uma leitura crítica do contexto investigado, valorizando tanto os processos de mediação quanto a dimensão emancipadora da prática educacional.

Já no que se refere à pedagogia freireana, foram mobilizados especialmente os conceitos de educação como prática dialógica e emancipadora, conforme desenvolvidos em *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1987). Essa perspectiva orientou a leitura crítica dos processos educativos observados, valorizando as vozes da comunidade escolar e evidenciando contradições e possibilidades de transformação.

Por fim, a condução da pesquisa pautou-se em princípios éticos, assegurando o respeito aos participantes e a preservação da confidencialidade das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações realizadas durante o estágio revelaram que a escola se constitui como espaço vivo de produção de sentidos, ultrapassando a função meramente instrucional. O cotidiano mostrou que a instituição é percebida pelos alunos não apenas como lugar de aprendizagem formal, mas como ambiente de convivência, acolhimento e elaboração simbólica. Nesse contexto, a escola aparece como uma “casa”, um espaço de pertencimento em que as interações ganham significado.

Na perspectiva freireana, a escola é entendida como objeto simbólico, carregado de significados sociais e históricos. Cada espaço, prática pedagógica e relação estabelecida ali é vivido como representação que transcende o imediato. Observou-se que símbolos como uniformes, murais e rituais coletivos evocam pertencimento e memória, funcionando como mediadores de identidade. Para Freire (2019), uma educação que reconhece o poder simbólico dos objetos escolares se torna mais efetiva, pois promove uma pedagogia do sentido, distinta da educação bancária, que reduz a escola a mero depósito de conteúdos.

Vigotski (2001) enfatiza que a produção de sentido emerge nas interações sociais mediadas pela linguagem. Durante o estágio, foi possível observar como diálogos entre

professores e alunos configuraram experiências significativas que iam além da dimensão cognitiva. Esse achado se articula com estudos sobre a indissociabilidade entre afeto e cognição, que apontam que a aprendizagem depende das condições afetivas que a sustentam (Oliveira & Rego, 2010). Práticas pedagógicas que valorizam a escuta e o acolhimento favoreceram tanto o desempenho acadêmico quanto a construção de vínculos e autoestima, reforçando a noção de escola como espaço de vida.

Além disso, pesquisas recentes em psicologia e neurociência da educação demonstram que a emoção é constitutiva dos processos de aprendizagem (Damásio, 2012). Essa constatação dialoga com os registros de campo, nos quais ficou evidente que atividades que mobilizavam afetos eram vividas pelos estudantes como experiências formativas mais ricas do que aulas centradas apenas na transmissão de conteúdos.

Por fim, destaca-se que compreender a escola como construção social implica reconhecer a mútua implicação entre Psicologia e Educação. Conforme Almeida (2012), essas áreas se alimentam reciprocamente, oferecendo elementos para compreender tanto o fenômeno educativo quanto o desenvolvimento humano. No caso da instituição analisada, sua longa trajetória histórica se mostrou presente nos sentidos produzidos: havia orgulho pela tradição, mas também tensões entre permanência e inovação, próprias de uma instituição que busca atualizar-se sem perder sua identidade.

Assim, Freire ajuda a pensar o caráter simbólico e emancipador da escola enquanto objeto de significação; Vigotski, a dimensão social e interativa que constitui o processo de construção de sentidos. Os artigos revisados corroboram esses achados ao destacar a relevância da afetividade e da relação dialógica entre Psicologia e Educação. A análise revela que a escola não é apenas lugar de transmissão de saberes, mas território simbólico e social em que se produzem sentidos fundamentais para a constituição subjetiva e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como se dá a produção de sentidos e identidade dentro de uma comunidade escolar, a partir da observação de uma instituição com longa trajetória histórica. Fundamentado nas teorias de Vygotsky e Freire, o estudo evidenciou que a escola vai além da instrução formal, configurando-se como espaço de convivência, pertencimento e elaboração subjetiva. As interações sociais, os símbolos presentes no cotidiano e os vínculos afetivos mostraram-se fundamentais na constituição da identidade dos sujeitos escolares.

Observou-se que práticas pedagógicas baseadas no diálogo, na escuta e no acolhimento favorecem não só a aprendizagem, mas também a autoestima, os vínculos e o sentimento de pertencimento. A escola analisada revelou-se um território vivo de significados, onde tradição e mudança convivem em constante tensão criativa.

A pesquisa contribui para o campo da Psicologia e Educação ao destacar a importância da escola como espaço simbólico e subjetivo. Como limitação, aponta-se o recorte institucional e temporal do estudo. Para pesquisas futuras, sugere-se ampliar o olhar para outras realidades escolares, aprofundando a relação entre práticas pedagógicas e constituição subjetiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Das relações entre educação e psicologia na perspectiva de uma educadora. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 341-348, 2012.

CARVALHO, Rodrigo P.; REGO, Teresa C. Afetividade e cognição: uma análise histórico-cultural. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 221-229, 2010.

Daltro, M. R.; Faria, A. A. de. *Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 19(1):223-237, 2019.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GUIMARÃES, Sueli E. R.; BORUCHOVITCH, Evely. Emoções e motivação: a mediação da afetividade nos processos de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. Afetividade e cognição: uma análise histórico-cultural. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 221-229, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semiónovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191 p.